VOZ

Galeria Respiro

ana clara
Mirella Mostoni

Curadoria:
Célia Barros

Duas mulheres que distam 30 anos entre si, se apropriam de palavras alheias para encontrar os sentidos do que vive ao redor. Em outros tempos poderiam ser acusadas de plagio ou fragilidade autoral, mas atualmente denominamos essa ação como remixagem, pós-produção ou até bricolagem. Neste caso específico estamos perante duas pessoas que, de maneiras muito diferentes, usam a palavra que não é sua para poder ver melhor. Extraem deliberadamente as frases do seu habitat para as colocar em perigo, expondo-as ao fracasso.

Digo fracasso, porque depois de todas as falácias que este mundo já viveu, a palavra escrita e publicada ainda reina como se fosse dona da verdade. Para Mirella, a literatura serve de campo de caça, provocando-lhe emboscadas de sentidos. ana clara retalha e trama formulários que nos pedem respostas exatas, para dilacerar a dicotomia entre certo-errado e recambiá-los à eterna ambiguidade do não saber.

Duas mulheres separadas por trinta anos, colhem vagarosamente as palavras, extraem as letras da sua forma graficamente limpa e oficial, conferindo-lhes um aspecto rude e frágil, tornando vulnerável o que antes era pilar estrutural. Caçam sílabas e palavras num jogo de ironia que atenta para o detalhe e corta na precisão tudo o que alicerça. É uma tarefa de rastreamento, que duvida e escuta para além do que é dito. Leitura que espera e espreita, enquanto persegue o fio dissimulado que revela as verdadeiras intenções daquele texto. Uma leitura que escreve.

"Adúlteras" é um projeto que Mirella Mostoni vem desenvolvendo desde 2012. Até ao momento, a artista coletou 188 personagens ceifando trechos que depois reescreve em vários suportes. Percebendo o quanto essa figura feminina despertava o interesse do leitor e intensificava a trama, no contexto da literatura ocidental, a pesquisa espelha uma sociedade em que o papel da mulher está confinado ao cuidado e manutenção da instituição do casamento. Os trabalhos que constituem a série *Disse Mellhors* (2019) aprofundam o abismo que a obra literária escrita por DH Lawrence em 1928 e apenas publicada em 1960, trazia à tona: a restrição da liberdade e da sexualidade feminina que, longe de proteger a mulher, ainda hoje perpetua violências domésticas, assédios de todo o tipo e feminicídios. Além de extirpar a frase do enredado da trama, a artista opera uma excisão de cada letra que a compõe em argila, transformando a frase em pedaços de cerâmica de aparência tosca e vulnerável. O exercício de leitura nos é oferecido suspenso por pequenas agulhas cravadas na parede. Lemos, acompanhando a dança desengonçada de cada caracter em equilíbrio instável: *Quem colocará flores em você ano que vem Constance? Eu ou outro? Eu ou outro?*

Constancia e Inconstância (2018) resulta da seleção de palavras do mesmo romance que começam com as sílabas *con* e *incon*. Vinte e nove palavras são inscritas a negativo em pequenas lápides de aproximadamente 40 cm de comprimento, compondo um texto tão contundente quanto vacilante. Consente, consorte, confinada, inconveniente, inconformada. As leituras ficam a

cargo de cada pessoa que se dispõe a ler, convidando-nos a reler a narrativa original de DH Lawrence, e a tantos outros, com olhos de saqueadoras.

Num jogo oracular, espécie de tribunal insolúvel das respostas amorosas, letras bordadas numa fita de Moebius primorosamente tecida oferecem-nos a resolução do enigma: *Os culpados é que fazem os inocentes, os inocentes é que fazem os culpados, (*2004). Neste caso, a frase extraída de um verso de Cassiano Ricardo é oferecida numa leitura tautológica que nos deixa sem saída.

Numa extremidade geracional, ana clara também se dedica a caçar palavras. A sua faixa etária reflete a eminência do futuro e a insegurança de quem transita entre espaços de formação, profissionalização, legitimação e autoria, enquanto se percebe imersa num sistema criptografado e omnipresente, reprodutor de violências e segregações que sufocam a livre existência. O futuro é sinônimo de falta de controle, mas também de sonho, projeto e fado. Os rituais que dão acesso ao estatuto da maioridade diversificam-se conforme as intenções sociais de quem os pratica. Faculdade, emprego, carro, casamento ou casa própria fazem parte de um sistema de etapas que visam superar o jogo da vida.

Em *Enem - você é do tamanho dos seus sonhos* (2023) e *Linguagens e códigos* (2024) a artista persegue a incomunicabilidade esquiva e opressora dos códigos escritos, falados, negociados ou omitidos, questionando não só a validade das nossas aspirações comuns, mas também as frígidas fórmulas engendradas para avaliar algo tão complexo como o conhecimento humano.

Exercício de sustentação/apostas para um lar (2024) é uma série fotográfica que dá continuidade ao eterno jogo do habitar a vida. Pensar em futuro poderia nos abrir a imaginação, não fosse o direito à moradia ser um espaço de intensa disputa e opressão que nos leva a reduzir as nossas ambições à questão mais básica que, apesar de garantida pela constituição brasileira, sustenta e prolonga a insustentabilidade de desejos outros.

Como quem procura respostas em vozes alheias, *Palavras*^{3} (2025) coloca o popular jogo da serpente a serviço da geração de enunciados e sentidos, disponibilizando-se como uma voz latente das poéticas transeuntes.

Voz é uma exposição permeada por gestos de apropriação em que ambas artistas se utilizam de recursos literários, burocráticos, pedagógicos e artísticos para colocar em circulação contra-sentidos, seguindo no encalce das artimanhas de estruturas patriarcais que sistematicamente retiram, diminuem, inviabilizam e invisibilizam o lugar criativo e autoral das mulheres que, continuamente, precisam reconstituir recursos para se ouvirem a si mesmas.

Célia Barros